

## CARNAVAL

Recebi, prezada amiga, seu bilhete gentil, e ora lhe respondo mandando um grande abraço para você e os amigos todos. Você me diz para largar o Brasil e dar as caras em Paris. Mais tarde; agora não. O Brasil está ficando um país interessante, e acho que este ano será mais divertido que o costume. O nosso caro dr. Vargas fez um ano de governo, ano durante o qual teve o maior cuidado em não fazer coisa alguma. A vida subiu muito de preço, mas ganhou em pitoresco. Surgem tipos que o sr. Vargas tira do bolso com certa graça, e distribui com o maior critério; e isso sem falar dos antigos, como o velho centauro Luzardo, que veio agora ao Rio cávar um empréstimo para a Argentina e falar bem da democracia do general Peron.

Por falar em general, temos agora um que é notável; chama-se Poli Coelho. Você me dirá que nunca ouviu falar d'ele; pois nem eu, nem ninguém. É criação nova, e já surgiu general e também para dizer tudo, genial.

Mandou-o o sr. Vargas para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, como presidente — em poucos dias ele conseguiu destruir o que foi construído em 15 anos. Mais de cem técnicos e especialistas, — praticamente todos, os que, no Brasil, se dedicam a essa ingrata tarefa de recolher, coleccionar, esculdar e divulgar os números capazes de dar uma idéa aproximada dessa fantasia afro-indo-latino-teuto-nipônica chamada realidade brasileira — não tiveram outro remédio senão deixar seus postos. Perderam as comissões e seus proventos mas guardaram, minha cara, essa coisa insubstantial, que as estatísticas não registram e a geografia não localiza e uma boa parte desses pândegos e charlatães que nos desgovernam só conhece por ouvir dizer, mas não acredita — e que se chama vergonha.

Dispensando os homens capazes de pesquisar os números, o general ficará mais à vontade para alinhar as cifras e dar-lhes, com absoluto domínio, ordens de marcha e contra-marcha, direita volver, esquerda volver, meia-volta volver — e o nosso estimado governo Vargas, terá como é estimável, as estatísticas que bem entender, e não mais se sujeitará aos números mesquinamente colhidos na realidade nem sempre satisfatórios e às vezes até desagradáveis, o que é o cúmulo. Se temos de gastar dinheiro com essa coisa de estatística, vamos, pelo menos, fabricar estatísticas bem boas, bem bonitas, patrióticas, estimulantes, estatísticas em uniforme de gala.

Ainda bem que chega o Carnaval. Há pessoas em pânico, fugindo, dizem que vai haver barulho. Eu fico; eu quero ver; fico meio assustado, mas fico, com meu tóco de lapis de correspondente de guerra. E, para falar com franqueza, não acredito que haja nada e tudo vai acabar em pândega — pois neste país, minha querida, nem o Carnaval se pode mais levar a sério. Abraço, muita saudade, adeus.

R. B

10-2-52

M 256